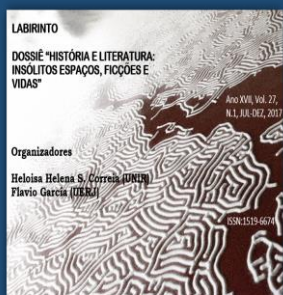


UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO  
INTERDISCIPLINAR DE  
ESTUDO E PESQUISA  
DO IMAGINÁRIO  
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XVII  
VOLUME 27  
(JUL-DEZ)  
2017  
P. 1-5.

APRESENTAÇÃO  
DOSSIÊ:  
**HISTÓRIA E LITERATURA, INSÓLITOS ESPAÇOS,  
FICÇÕES E VIDAS**

Profa. Dra. Heloisa Helena Siqueira Correia  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Prof. Dr. Flavio García  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Acontecimentos insólitos latejam nas raízes da realidade, sejam elas históricas, culturais, mitológicas ou estéticas em sentido amplo. Quer as raízes tenham se diluído, caso flutuem ou estejam enterradas, o insólito não existe pronto. Muitas vezes vem à existência de modo efêmero, em outras, sua durabilidade o aproxima do mistério desafiador que há tempos não se rende. Há momentos em que também deixa de existir, isso acontece principalmente quando é substituído por uma explicação racional, dada por novos conhecimentos. Guardadas suas qualidades, o insólito não permite que o tratemos como absoluto, e isso se deve a sua relação estreita com o olhar de seu receptor. Este lhe incute vida ao se surpreender, se auto questionar, se descobrir em susto, espanto ou inquietação. Também pode não notá-lo, pois que o insólito, tantas vezes banalizado, se naturaliza como aparentemente algo usual ou comum.

A história e a literatura, em nosso contexto, ainda não denominado a contento, assumem cada vez mais o enfrentamento ou o encontro com o caráter insólito da existência. O trânsito nômade, a imigração forçada, a fuga de espaços tornados impossíveis são insólitos. O encurralamento social ou ideológico, o isolamento cultural ou religioso, a prisão étnica ou de gênero, a perda de liberdade e o controle milimetricamente examinado, auscultado e vigiado de cada indivíduo ou grupo são insólitos. A violência e a intolerância, que se espalham pulverizadas e penetrantes em variados espaços, são insólitas.

A vida, ameaçada a todo momento, na linha limítrofe da existência, é insólita. O homem

contemporâneo dar ombros frente ao inusitado de cada dia é insólito. A sociedade vive uma profunda e agravada crise, em diversos sentidos, que se torna insolitamente sólita, surpreendendo. As narrativas da história e da literatura apreendem os imaginários que pululam em meio à humanidade pulsante. A cada momento mais frementemente, escrever literatura e história carrega consigo sentidos diversos de fazê-lo, diante do que ainda se pensava (im)possível. Quais são os seus sentidos? O que podem a literatura e a história? Na forma e no conteúdo, os textos que se seguem emanam o insólito. Cada um à sua maneira toma parte na interlocução e no debate.

Uma série de questionamentos epistemológicos, que ricocheteiam como críticas à cultura ocidental, poderão ser encontrados em “**Aja! Notas sobre experiências insólitas na Amazônia**”, de Felipe Ferreira Vander Velden. O texto é vivido por um pesquisador em pleno acontecimento insólito, o encontro com o outro, radicalmente outro, que desafia a razão e a linguagem que se lhe pretende aproximar, que coloca dúvidas sobre a percepção do autor, também narrador de fato. O leitor encontra aqui mesmo, neste mundo, a morada do extraordinário que causa admiração mas sobretudo mal estar cognitivo e metodológico. São as fronteiras culturais, cuja porosidade é decisiva, que estão se movendo dinâmicas, vibrantes e instigam o leitor a pensar em seu próprio hibridismo cultural.

Em seguida, como que na fronteira entre o mundo social e a ficção, o “outro” - melhor emblema do motivo da sensação do insólito-, será encontrado pelo leitor nos zumbis, personagens fronteirços entre a vida e a morte que povoam o romance uruguaio *Zack*, abordado por Virginia Frade Pandolfi em “**Tensiones en la novela uruguayo Zack (1993), de Ana Solari: un abordaje desde la ecocrítica**”. A autora identifica a ecodistopia no romance e lê as personagens zumbis como metáforas dos “resíduos humanos”, tal como essa concepção é discutida por Zygmunt Bauman. O que, também leva o leitor para fora do texto de ficção, obrigado que é a voltar os olhos para os que não são integrados pela sociedade e deixaram de ser, ou nunca foram úteis de algum modo para a modernidade.

Aproximando-se da ficção e dirigindo-se à cultura visual de nossa sociedade, no texto “**Entre el cuerpo y el aire. La avanzada holográfica latinoamericana de lo poshumano maldito. Quiroga, Palma y Bioy Casares**”, o autor Marcelo Damonte reconhece o “outro” como o pós humano, nesse caso configurado como projeção

holográfica que reside em determinados textos: “El vampiro” de Horacio Quiroga, XYZ. *Una novela grotesca*, de Clemente Palma e “La invención de Morel”, de Adolfo Bioy Casares, trazendo ao leitor um motivo de cruzamento pouco comum entre literatura argentina, uruguaia e peruana: o motivo técnico. E fazendo lembrar que o nosso tempo ainda é o das projeções artificiais que muitas vezes ganham o estatuto de viventes. E que nelas há sempre e ainda, beleza e perigo.

O leitor, desta vez, mergulhará no fantástico literário ao percorrer o artigo **“Rituales inundados. Contacto y fuga en las orillas de lo fantástico”**, de Claudio Paolini. O autor refere-se a “La casa inundada” (1960), do escritor uruguaio Felisberto Hernández, texto construído em colagem e que revela plantas, objetos e a própria casa como elementos humanizados. Ou, ainda, toma a casa como o ente não humano fundamental que adquire centralidade na narrativa, uma casa inundada que, ao fim e ao cabo, para o leitor, é a materialização do fantástico literário e ainda do insólito. A água que escorre pelo conto, por sua vez, é sentida pela personagem que também é narradora, como algo vivo que com ela interage, a ponto de perceber recordações guardadas pelo ente líquido. O real e o fantástico, neste caso, disputam coração e mente do leitor, sem que a luta se encerre, sem que algum lado predomine.

Reafirmamos que insolitudes povoam nossa literatura e história. Estejamos atentos, elas alastram-se de variados modos e com ritmos desencontrados em nossos tempos e espaços, pensamentos, projetos e leis. Estão em muitas dimensões, como a institucional, a social, a histórica e a artística. Criticam-se acontecimentos que criam insuspeitados momentos diariamente, ao mesmo tempo, em diversos pontos do planeta, envolvendo diferentes classes sociais e comunidades culturais, políticas e de gênero. Das artes, nos chegam belíssimas invenções, densas, críticas e descortinadoras, de aspectos novos e inusitados da vida em sociedade e das fronteiras estéticas, científicas, epistemológicas, éticas, jurídicas e geográficas. A arte literária em especial produz, sugere, metaforiza e critica situações insólitas violentas, reais, fictícias, pontuando então um diálogo com o que ultrapassa o texto, a história do vivido.

Em **“La simbólica de la formación religiosa latinoamericana”** encontramos o maravilhoso de nossa América duplicado e manipulado pelos católicos que, sem pestanejar, tornaram os indígenas despossuídos de sua cosmogonia e tradição. Assim, será em um local de adoração da deusa asteca precolombiana Tonantzin, que a Virgem

de Guadalupe surgirá em compleição de menina para o indígena Juan Diego Cuauhtlatotzin. Segundo o autor do artigo, José Eduardo Fiori, “Con eso, los católicos le usurparon a la diosa azteca no solo el papel de amada madre de los mexicanos, sino su mismo sitio de adoración que desde entonces pasó a pertenecer a Guadalupe, patrona de México, mientras que Tonantzin está consignada a casi total olvido.” Em outras palavras, o leitor percebe que nem mesmo o maravilhoso escapa ao roubo cultural e ideológico cujos agentes pretendem que o monoteísmo cristão-católico seja universal. O insólito, aquí, é o roubo do invisível sagrado praticado pelos colonizadores.

Se em perspectiva histórica e literária abundam encontros nefastos entre o eu e o outro, na atualidade algo desses encontros pulsa violentamente: justamente a ausência que os envolvem, a falta do sentido profundo da relação entre o eu e o outro. A exigência de tal profundidade será o foco da discussão no texto **“Skandala e a Falácia do Mal Menor de Arendt desde as fábulas "A Ovelha Negra" e "O Monólogo do Mal", de Augusto Monterroso. Uma Leitura Transdisciplinar”**, de Marcus Vinicius Xavier de Oliveira. O autor explica a troca de valores do seguinte modo: “Pessoas têm dignidade, mas se chocam contra os muros; coisas têm preço, mas circulam livremente por entre fronteiras. Mas se a pessoa for reduzida à condição análoga à de escravo – portanto, coisificada –, não há fronteira que impeça a sua inserção no regime de exploração que a criminalidade transnacional executa”. Ironia internacional da lógica da produção, famílias inteiras são tornadas objetos que trafegam pelas fronteiras dos países desenvolvidos, o que também as colocará, neste caso específico, nas fronteiras da humanidade e em uma insólita existência.

Dentro de nosso país, por sua vez, há fronteiras invisíveis distanciando as regiões que estão fora do eixo RJ-SP, o que promove a abordagem de tais regiões pelas empresas e governo como se colônias das regiões centrais e “mais” desenvolvidas. Nesse mesmo sentido, aspectos perversos da colonização e da descolonização lutam pela alma dos habitantes das regiões em foco de exploração. Em **“Memória, descolonização e assunção do sujeito amazônico na literatura”**, Osvaldo Copertino Duarte, Liliane Pereira Soares do Nascimento e Maria Helena Medeiros do Nascimento discutem a problemática em torno da literatura que se produz em Rondônia, levando em consideração os matizes ideológicos e estéticos que a perfilam. Suas reflexões direcionam-se para a obra do poeta José Calixto de Medeiros, cujos poemas revelam

traços colonizadores em franco conflito com esforços e desejos descolonizadores e críticos da colonização e do progresso. E trata-se de progresso insólito na medida em que Rondônia insolitamente vive, hoje, processos de colonização tardios.

Da violência para a falta de esclarecimento e senso político só há meio passo, é o que o leitor experimenta ao ler “**Anticomunismo, história e literatura de cordel**”, de Daniel Alves dos Santos. O autor retoma formas poéticas de combate ao “perigo vermelho” encontradas em folhetos de cordel do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, traçando intersecções entre literatura e história, cordel e anticomunismo, texto e vida. O artigo explicita atitudes insólitas de anticomunismo em pleno Nordeste, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, que atrelam o comunismo ao mal, ao demônio, ao desrespeito da moral, e a certa prática de extermínio dos opositores.

O leitor contemporâneo ao se deparar com os artigos saberá lidar com o insólito na história e na literatura cujas manifestações são criativas e críticas, mas também violentas, e pode fazê-lo sem ceder ao niilismo total e irrestrito. A entrevista que abre a edição, por sua vez, testemunha que encontros podem ser também espantosos e altamente instigantes. O leitor ouvirá a voz de Vicente Franz Cecim, escritor paraense contemporâneo desconhecido do mercado editorial do eixo Rj-SP, cuja obra *Viagem a Andara. O livro invisível* inclui-se no projeto de criação incessante de uma literatura fantasma e de um livro nunca escrito. Poderá entrever em sua obra, também, o que nos falta perceber acerca do outro com que nos encontramos muitas vezes e do outro que também somos nós.

Queremos agradecer o convite e a editoração realizada pela Professora Doutora Veronica Aparecida Silveira Aguiar da Universidade Federal de Rondônia na organização deste volume.

A revista convida à leitura de textos interdisciplinares que testemunham intensos processos de análise e identificação de questões, o que, por sua vez, só se realiza quando o leitor inaugura o acontecimento do encontro com o outro, autores e textos.

Desejamos uma boa leitura a todos!

Porto Velho, 30 de janeiro de 2018.